

A DOENÇA MENTAL EM “AS AVENTURAS DE ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS”



Sara Douro de Carvalho, Médica Interna de Psiquiatria
António Almeida, Assistente Hospitalar de Psiquiatria



ULS
TÂMEGA
E SOUSA

INTRODUÇÃO

A obra *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas* (1865), de Lewis Carroll, transcende o seu alegado carácter infantil, desvelando uma narrativa profusa em simbolismo e crítica às convenções sociais vitorianas. Carroll constrói um universo em que a lógica é distorcida e a conceção de "loucura" assume um papel central, subvertendo as expectativas da época. Este estudo propõe uma análise das personagens à luz das classificações diagnósticas contemporâneas, nomeadamente através do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª Edição (DSM-5), enquanto explora a perceção da patologia mental no século XIX de uma forma interpretativa e especulativa.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA: DOENÇA MENTAL NO SÉCULO XIX

No século XIX, a compreensão da saúde mental era ainda incipiente e rudimentar. As perturbações psiquiátricas eram frequentemente englobadas sob a designação genérica de "loucura", sendo as intervenções predominantemente de carácter institucional e raramente terapêutico. A crítica social de Carroll torna-se manifesta, especialmente na célebre expressão do Gato de Cheshire: "Aqui somos todos malucos", que subverte a norma vitoriana e sugere que a "loucura" permeia a própria estrutura da sociedade. Segundo Foucault (1961), o tratamento da loucura funcionava essencialmente como um mecanismo de controlo social, refletindo assim a crítica intrínseca que Carroll incorpora na sua obra.

ANÁLISE PSICOPATOLÓGICA DAS PERSONAGENS DE ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Alice – Perturbação de Despersonalização/Desrealização (PDD)

A jovem protagonista, Alice, ao adentrar no universo onírico do País das Maravilhas, depara-se com uma crise identitária profunda. Os episódios súbitos de metamorfose física — ora aumentando, ora diminuindo de estatura — produzem uma disjunção significativa entre a sua autoimagem e a realidade, levando-a a questionar: "Quem sou eu agora?". Este fenómeno enquadra-se nos parâmetros do critério A1 (Despersonalização), marcado pelo distanciamento do self, e do Critério A2 (Desrealização), no qual o mundo externo é experienciado como bizarro e distorcido. Embora na sociedade vitoriana estas manifestações pudessem ser alegorias da transição para a maioridade, à luz da psiquiatria contemporânea, Alice parece vivenciar uma Perturbação Dissociativa, como observado por Owen (1990).

Chapeleiro Louco – Perturbação Afetiva Bipolar (PAB) Tipo I

O Chapeleiro Louco personifica alterações de comportamento características de um episódio maníaco enquadrado numa PAB, segundo o DSM-5. Durante a célebre cena do chá, observa-se um aumento da atividade psicomotora, humor disfórico, taquipsiquismo e fuga de ideias manifestado por um discurso desorganizado que é ainda enriquecido por prováveis ideias deliróides de grandiosidade. Na era vitoriana, comportamentos desta natureza podiam ser erroneamente rotulados como "insanidade", ignorando a complexidade intrínseca das perturbações do humor e as nuances clínicas subjacentes a estas apresentações (Murray, 1975).

Rainha de Copas – Perturbação de Personalidade Antissocial

A Rainha de Copas emerge como uma figura autoritária e heteroagressiva, revelando uma impulsividade exacerbada e comportamentos violentos, frequentemente manifestando a intenção de decapitar aqueles que a desagradam. A sua evidente ausência de remorso e empatia ilustra os critérios da Perturbação de Personalidade Antissocial, como a desconsideração pelas normas sociais e a incapacidade de estabelecer relações saudáveis. Na era vitoriana, traços dessa índole eram frequentemente interpretados como expressões de poder, desconsiderando a patologia subjacente. A Rainha exemplifica como o abuso de poder e a tirania podem ser confundidos com características normativas de liderança, constituindo uma crítica incisiva às normas sociais vigentes (Sutherland, 1974).

Coelho Branco – Perturbação de Ansiedade Generalizada (PAG)

O Coelho Branco, como figura emblemática da PAG, revela uma complexidade que vai além da sua preocupação com o tempo. A presença de sintomas duradouros e desproporcionais em relação a copiosos eventos, inquietação física, evitamento social e tendência à catastrofização denotam a vivência multifacetada da ansiedade, refletindo os critérios diagnósticos do DSM-5. Este comportamento pode ser interpretado como uma alegoria das pressões sociais da classe média vitoriana, onde a pontualidade e o decoro eram altamente valorizados. A tensão incessante manifestada pelo Coelho é uma crítica aguda às expectativas sociais e às ansiedades que estas suscitam, evidenciando a relevância contemporânea da sua condição (Briggs, 1985).

Gato de Cheshire – Perturbação Dissociativa Não Especificada

O Gato de Cheshire, com a sua peculiar aptidão para desaparecer e reaparecer, personifica uma Perturbação Dissociativa Não Especificada. A sua habilidade de manter apenas o sorriso visível gera uma sensação de desconexão das normas físicas que regem o ambiente circundante, evocando a fragmentação da identidade e a perceção alterada da realidade. Esta manifestação literária reflete os estados dissociativos, como exemplificado na sua capacidade de evadir-se, simbolizando a desintegração do self. Embora tais experiências dissociativas não fossem reconhecidas como uma categoria diagnóstica no século XIX, a figura do Gato antecipa discussões sobre estados dissociativos que emergiriam posteriormente na psiquiatria (Carroll, 1865).

DISCUSSÃO: CRÍTICA SOCIAL E A REPRESENTAÇÃO DA “LOUCURA”

As personagens de Alice no País das Maravilhas proporcionam uma reflexão penetrante sobre a saúde mental, operando como alegoria das normas sociais opressivas da era vitoriana. Lewis Carroll, ao satirizar as convenções de poder, subverte a definição de "normalidade", expondo a arbitrariedade das demarcações entre sanidade e loucura. O País das Maravilhas emerge como um espaço metafórico onde as categorias rígidas de sanidade e desordem se interpenetram, em consonância com as críticas de Foucault sobre a medicalização da loucura e o controlo social. Esta obra revela a fragilidade das fronteiras que delimitam comportamentos considerados normais e manifestações patológicas, incitando uma reavaliação crítica dos paradigmas vigentes na compreensão da experiência humana. A análise de Carroll antecipa discussões contemporâneas sobre a individualidade e a complexidade da saúde mental, sublinhando a necessidade de uma perspetiva mais inclusiva e menos estigmatizante acerca das condições psicológicas.

CONCLUSÃO

As Aventuras de Alice no País das Maravilhas, através de uma narrativa surrealista e personagens excêntricas, emerge como uma metáfora significativa para a exploração da mente humana em relação às normas sociais predominantes. Embora no século XIX, se carecesse de uma classificação psiquiátrica formal, como a que encontramos no DSM-5, a obra de Carroll prefigura questões contemporâneas sobre diagnóstico e tratamento das perturbações mentais. Ao criticar a marginalização dos indivíduos rotulados como "loucos", Carroll expõe a arbitrariedade das categorizações entre sanidade e insânia. Assim, a obra não desafia apenas as normas vitorianas, mas também revela a fragilidade dos conceitos de normalidade, sustentando uma relevância contínua nas discussões sobre saúde mental e crítica social. A análise crítica da obra promove um diálogo necessário sobre a natureza da sanidade e a aceitação da diversidade nas experiências humanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



Aqui somos todos malucos!